

## ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LITERATURA: FAZER ONDE?

Célia Maria Domingues da Rocha Reis (UFMT)<sup>1</sup>

**Resumo:** Proponho aqui reflexões sobre dificuldades para a seleção de campo para a realização de Estágio Supervisionado em Literatura, considerando principalmente dois fatores: as restrições curriculares – a Literatura, que não constitui mais uma disciplina, sendo estudada no contexto da Língua Portuguesa no ensino médio; o trabalho com Literatura, nesse contexto, com restritas leituras, fruição, reflexões sobre o uso inventivo da palavra na expressão dos sentimentos humanos, expedientes que não atendem ao objetivo de formação de leitores. Os resultados apontam para uma ressignificação do campo de estágio, como espaço do aprender, pelo reposicionamento da perspectiva das situações que se apresentam e da nossa reflexão-ação-reflexão sobre elas.

**Palavras-chave:** Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Médio; Leitores em formação; Matriz curricular de Letras.


Há muitas dificuldades que envolvem o estabelecimento de campo para o Estágio Supervisionado. No caso do Estágio em Literatura, coloco as duas situações dramáticas que estamos vivenciando: *a literatura deixou de ser disciplina específica* no ensino médio; no fundamental, já integrava a Língua Portuguesa; em ambos os casos, ficando à mercê do professor o desenvolvimento de atividades literárias; e *a qualidade discutível das atividades de leitura literária, no âmbito das aulas ministradas nos campos de observação*. As situações mencionadas colocam em questão a validade do Estágio como “componente da formação profissional realizada em ambiente de trabalho”, em consonância com o disposto no Art. 1º do Regulamento Geral de Estágio da Universidade Federal de Mato Grosso (Res. CONSEPE N.º 117/2009):

atividade prática curricular, componente da formação profissional realizada em ambiente de trabalho, que faz parte do Projeto Pedagógico do Curso, sob a orientação da instituição de ensino. Envolve não só os aspectos humanos e técnicos da profissão, mas também o comprometimento social com o contexto do campo de estágio.

Delimito tempo e lugar de onde falo, esclarecendo que, embora tenha encontrado ressonâncias com colegas em outros *campi*, pela semelhança das condições disponíveis,

---

<sup>1</sup> Doutorado em Literatura Brasileira (UNESP); pós-doutorado em Estudos Comparados (USP). Membro do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Letras. celiadr@uol.com.br



restringo-me às experiências que tenho tido como *professora orientadora*<sup>2</sup> de Estágio desde 2010, ano em que foi implantado o Estágio Supervisionado em Literatura no Curso de Licenciatura em Letras Português e Literatura do Instituto de Linguagens dessa universidade<sup>3</sup>, após a revisão do seu Projeto Pedagógico, realizada em 2009. A conclusão a que se chegou para a implantação do Estágio em Literatura, pelo viés da obrigatoriedade da lei, foi a da necessidade de formação na área de estudos literários.

Esse Projeto Pedagógico<sup>4</sup> prevê o Estágio de Língua Portuguesa e Literatura para o 3º e 4º anos do curso<sup>5</sup>, em regime seriado anual, respectivamente, Estágio I e II, cada qual com 100h, carga horária total obrigatória de 200h, totalizando 400h de estágio<sup>6</sup>. Para o Estágio I, sob a minha responsabilidade, a ementa prevê estudo e reflexões sobre leitura e teoria da literatura no ensino fundamental<sup>7</sup> e observações de aula nesse nível, e atividades de cunho metodológico que abrange atividades docentes como planejamento, execução e avaliação, preparo de plano de aula e material didático.

Aqui, uma primeira dificuldade: o Estágio no ensino fundamental. Para compreender esse quesito como dificuldade, faz-se necessário esclarecer que o Curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso é oferecido nos períodos matutino e noturno. A fim de viabilizar essa dupla oferta, houve necessidade de colocar algumas disciplinas em alternância, como o Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa e o Estágio Supervisionado em Literatura que, em um ano letivo é oferecido no matutino, no outro, noturno, e assim sucessivamente. Embora ainda se faça o estágio no contraturno, em casos específicos, a compreensão do aspecto legal nos mostrou que este deve ser feito

---

2 Segundo a Res. CONSEPE, 117/2009, Cap. III, Art. 20: “O estágio deverá ter acompanhamento efetivo pelo orientador da instituição de ensino e por supervisor da parte concedente, conforme dispõe o Cap. I, Art. 3º, § 1º da Lei 11.788/08”.

3 O Estágio Supervisionado do Curso de Letras – Português e Literatura foi instituído pela Res. CNE/CP 1, de 18/02/ 2002, que estabelece *Diretrizes Curriculares Nacionais* para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Mas é somente no *Projeto Pedagógico do Curso de Letras*, reestruturado em 2009, que fica estabelecido o Estágio Supervisionado em Literatura, previsto para ser iniciado em 2010.

4 Em vigência até este ano de 2017. Já foi discutido e reelaborado, encontrando-se em fase de avaliação final, com vigência para o período de 2018-2021.

5 Conforme Res. CNE/CP 1/2002, art.13 § 3º.

6 Conforme Res. CNE/CP 2/2002.

7 Nos anos finais do ensino fundamental.

no horário de aula e é o que estamos fazendo. No entanto, como se sabe, são raras as escolas públicas que mantêm o fundamental no período noturno, o que inviabiliza o estágio nesse período. Nesse caso, foi aberta a possibilidade de fazer o Estágio I também no ensino médio. Por terem apresentado situações mais prementes para investigação, centraremos as presentes reflexões nesse nível de ensino.

Como num quebra-cabeça, a organização do horário do Estágio em nosso Curso de Letras demanda: **i.** consonância com os estágios das disciplinas de línguas estrangeiras, considerando que os alunos que as cursam só fazem o Estágio de Língua Portuguesa, não o de Literatura; **ii.** inserção do componente Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa no mesmo dia e horário que o de Literatura para trabalhos conjuntos; **iii.** consonância do horário dos Estágios com o horário das disciplinas de Língua Portuguesa nas escolas estagiadas<sup>8</sup>; **iv.** subordinação e rearranjo de horários em razão das greves, frequentes, tanto das escolas quanto da universidade, que chegaram [até aqui] a longos períodos<sup>9</sup>.

Acrescente-se a isso problemas com as escolas. Houve e ainda há resistência por parte de algumas escolas em autorizar o Estágio em razão de terem que lidar com a movimentação de estagiários em reduzidos espaços; com a preocupação dos docentes receptores dos estagiários, que se sentem auditados em suas aulas; por vezes, pelo comportamento inadequado dos próprios estagiários, como a impontualidade etc. Usado o espaço escolar para cumprir a exigência do Curso, há pouca contrapartida oferecida às escolas. Nem mesmo para uma devolutiva acerca do que foi observado.

Em meio a esse quadro, foi proposto às escolas indicadas para o Estágio a realização de oficinas de leitura com as turmas observadas. Trabalho aceito e efetivado, os resultados se mostraram benéficos para ambas as partes<sup>10</sup>. Posteriormente, no ano de 2015, esse trabalho foi desenvolvido juntamente com a Profa. Dra. Lindinalva Zagoto Fernandes<sup>11</sup>,


---

<sup>8</sup> Por exemplo: neste 2º semestre/2017, o horário do Estágio em Literatura foi colocado na 5ª feira. Tivemos que procurar uma escola cujas aulas de Língua Portuguesa fossem nesse dia da semana, no ensino noturno. A que mais se adequou a esse perfil foi um Centro de Ensino de Jovens e Adultos.

<sup>9</sup> Ocorreu várias vezes o descompasso de a escola entrar em férias quando a universidade estava em pleno período letivo, geralmente em janeiro e julho; e a escola em período letivo, com a universidade em férias ou recesso, como nos meses maio/setembro deste ano.

<sup>10</sup> Os estagiários fizeram uso de obras literárias que as escolas receberam de programas governamentais e que estavam ainda encaixotadas, pois nelas não havia biblioteca; exercitaram seus conhecimentos teóricos no estudo das obras; os alunos da escola vivenciaram de diferentes formas o literário: leituras individuais, coletivas, dramatizadas etc.

<sup>11</sup> Membro do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Letras.




responsável pelo Estágio Supervisionado I: Língua Portuguesa, de maneira mais sistematizada. Os alunos estagiários, no período de observação, foram orientados a verificar quais dificuldades as turmas observadas apresentaram e fizeram projetos de oficinas com conteúdos integrados dessas áreas, a fim de contribuir para minimizar tais dificuldades. Os resultados, positivos, estimularam a continuidade da parceria. Ressalto aqui a importância do empenho da coordenação do Curso de Letras em fazer coincidir os horários de Estágio de Língua Portuguesa e de Literatura para a realização desse trabalho, que nem carece ser denominado *interdisciplinar*, se considerarmos a orientação dos PCNEM (2000), mas de constituição efetiva da área de *Linguagens*. É interessante ressaltar ainda que, intentando uma política mais ampla nessa direção, foi criado em nosso Projeto Pedagógico em reformulação, a disciplina *Didática de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura*, e o componente *Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa e Literatura*, ambos reunindo professores dessas disciplinas.

Em consequência das condições expostas, ao longo desses anos, o Estágio I em Literatura tem sido feito em disciplinas de Língua Portuguesa em escolas estaduais e municipais, com variados perfis: escolas de ensino fundamental; de ensino fundamental e médio; fundamental e médio – ensino inovador (somente por projetos); Educação de Jovens e Adultos. Há de reconhecer que, não obstante as condições que acabam se impondo na escolha das escolas – o que nos obriga a constante busca, tem se constituído um interessante aprendizado frequentar diferentes escolas, conhecer e compreender seus objetivos e métodos, seus mecanismos de funcionamento e propósito de atender a diversidade, no âmbito das políticas públicas educacionais.

Apresentadas as condições, retomamos as situações dadas como ponto de estrangulamento: o paulatino desaparecimento da Literatura dos currículos determinando a realização do Estágio em Literatura em aulas de Língua Portuguesa e a *qualidade discutível* das atividades com obras literárias, quando ocorrem.

Em seu artigo “O ensino de literatura no Ensino Médio e os documentos oficiais” (2015), Rafael Fortes e Vanderléia Oliveira nos favorecem um histórico a esse respeito, lembrando que, na LDB 5.692/71, a Literatura constituía corpo próprio, separado da Língua Portuguesa, fator determinante na organização curricular: gramática, estudos



literários e redação, disciplinas com conteúdos estanques, ministradas, às vezes, por diferentes professores.


Nesse sentido, ainda, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9.394/96, alterou a estrutura da educação básica, ficando o ensino médio sob a tutela do Estado, havendo a preocupação de elaboração de documentos norteadores dessa etapa do ensino. Tendo em vista o Art. 24, Inciso I dessa LDB, da obrigatoriedade de “carga horária mínima anual de 800h, distribuídas por um mínimo de 200 dias de efetivo trabalho escolar” no Ensino Fundamental e no Médio, para dar conta desses conteúdos, nos PCNEM (2000) foi feito o vínculo da Literatura à Língua Portuguesa, com as boas intenções interdisciplinares de instigar ponderações mais aprofundadas na área, ampliar a comunicabilidade com/entre os alunos. A partir daqui há uma série de descasos conjuntos, bem articulados, que vão determinando o *encolhimento* gradual da literatura no ensino.

Um deles volta-se para o fato de essa junção da Língua Portuguesa com a Literatura ter sido feita à revelia da matriz curricular das universidades. Estas mantiveram a separação das disciplinas em sua matriz, de maneira a não promover a formação interdisciplinar dos graduandos, requerida pelos documentos oficiais, para atuação na base. É flagrante a necessidade de diálogo entre as instâncias competentes de ensino superior e de ensino básico, a fim de afinarem as propostas educacionais, estabelecerem políticas integradas de procedimentos, conteúdos, infraestrutura, otimizando o processo de circularização: alunos melhor formados para o ingresso nas universidades; profissionais melhor qualificados para ingresso no mercado de trabalho.

Outro fator constatado é o de que os professores do ensino superior, da área de Língua Portuguesa, estão sempre mais envolvidos com questões de ensino, com teorias educacionais, programas<sup>12</sup>, que os de Literatura, que se mantêm no seu reduto de pesquisas de obras literárias e afins, com recusa franca à reflexão das demandas do ensino. Endossam esse argumento a estatística acerca de práticas desenvolvidas na formação de professores de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, feita por Maria Amélia Dalvi, que apresenta uma proporcionalidade de iniciativas:

---

<sup>12</sup> Veja-se ações como as do PIBID, um dos programas de maior êxito em nosso Curso.



Na área de Linguística, por exemplo, desde os anos de 1970 têm havido, sistematicamente, publicações, congressos e atividades de divulgação científica dedicados a pensar o ensino de língua (apontando problemas nas descrições e metodologizações, didatizações e instrumentalizações do conhecimento linguístico), bem como têm havido inúmeros esforços na produção de documentos legais e nos engendramentos de políticas e programas oficiais de educação em língua portuguesa (CASTILHO, 1980; SOARES, 2002; PIETRI, 2004) – movimentos que não têm correspondência ou analogia (em relação a seu impacto) – como movimento de um campo do saber, se não apenas como iniciativas pontuais – na área de Literatura. (2015, p.147)


Tais dados têm reflexo direto na conduta do professor licenciado que, ao assumir a sala de aula, acaba não desenvolvendo muitas atividades com textos literários em coerência com a sua formação. No âmbito das atividades de Estágio, já houve situações de os alunos completarem as cargas horárias de observação sem que tenha havido uma única atividade com obras literárias. Não cabendo, por esse motivo, invalidar a etapa da observação, que objetiva o conhecimento da realidade da escola e do ensino, as reflexões incidiram, sobre a ausência de literatura nas aulas de LP, principalmente para uma conscientização da necessidade de mudança. Nesse cenário redutor, ainda, quase nunca há estudos do gênero lírico (o que é reconhecido pelas OCNEM). E, algumas vezes, os estagiários têm dado notícias de depoimentos dos professores de que eles não gostam de literatura.

Empreendimentos suscetíveis de gerar políticas de educação em Literatura estão ocorrendo, em ritmo lento, por exemplo, no fomento a pesquisas mediante a implantação de linhas de pesquisa de Ensino de Literatura nos programas de pós-graduação *stricto sensu*, no âmbito dos quais são organizados eventos e publicações científicas para veiculação de trabalhos produzidos na área. A reativação do GT Literatura e Ensino, junto à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), em 2016, constitui-se num passo importante para essa finalidade.

A preocupação da área de Língua Portuguesa com aspectos didático-pedagógicos do ensino, *per se* não seria um motivo para o encolhimento da Literatura. Ao contrário, a arte tem a força da coalizão que os estudos linguísticos estão longe de apresentar. Desde os tempos imemoriais os grupos se reúnem voluntária e prazerosamente para coparticiparem de atividades literárias geradas pelo imaginário<sup>13</sup>. No geral, a

---

<sup>13</sup> Tomo aqui o amplo sentido dado por Candido à Literatura:



coparticipação se dá como fruição do bem cultural, que vai gerando outros, em alimentação mútua. O que ocorre, então?

Não sendo possível arrolar os amplos fatores aqui, tributaria um terceiro fator à perspectiva crítica historiográfica adotada na escolarização da literatura, tanto no ensino médio como no superior, guardados os aprofundamentos, exclusiva, nos dois casos. Foi se sedimentando a informação de que trabalhar com literatura é trabalhar com historiografia da produção literária. Os conteúdos programáticos das disciplinas da área de Literaturas de Língua Portuguesa, compreendendo extensa fatia cronológica de manutenção e ruptura de tendências estético-históricas, com infinidade de gêneros e obras para serem estudados em exígua carga horária, fazem tais estudos de modo superficial, pela absorção das principais características e aplicação invasiva dessas nas obras, à guisa de análise; pela leitura de resumos, substitutos mercadológicos das obras integrais; entre outros. A aferição da aprendizagem é feita por meio de provas com questões acerca da teoria e/ou das obras literárias que, por vezes, imprimem estranha fixidez à natureza polissêmica do signo literário. Caminha ao largo desses procedimentos o reconhecimento da literatura como uma visão de mundo, uma verdade sobre o mundo, como queria Todorov (2010).


No que toca à Literatura, o campo semântico se abre para leitura, fruição, contemplação, oralização, podendo gerar outras produções criativas, ou seja, por princípio, há de se fazer o conhecimento da obra literária como expressão artística de emoções viscerais, que provoca em nós um prazer e uma vontade de ler outras obras, e um amadurecimento interno pelo contato com outras experiências humanas.

Mediante a necessidade de desenvolver um trabalho com leitura, análise e interpretação de obras, será possível a constituição de um leitor, crítico, capaz de perceber que o código, o contexto, as teorias emergem daquela expressão do humano, não

---

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.

Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. (2011, p.176)



constituindo vida própria, inalcançáveis em sua abstração? Isso pode nos remeter ao conceito de letramento e humanização que permeiam as OCN (2006).

O foco apriorístico do trabalho no contexto (pseudo)histórico, estético etc., da produção literária contribuiu para a formação de um contingente de professores não-leitores formando na base não-leitores. Aqui se flagra um outro distanciamento inexplicável da prática didático-pedagógica universitária em relação ao ensino básico. Refiro-me aos documentos oficiais, os *Parâmetros Curriculares Nacionais* para o Ensino Médio (PCNEM, 1999; 2000), os *Parâmetros Curriculares Nacionais +* (PCN+, 2002), as *Orientações Curriculares Nacionais* (OCN, 2006) que, com todos os problemas e incoerências que apresentam, afirmam sobre a inviabilidade do estudo de literatura na perspectiva historiográfica da maneira como vem sendo feita e da leitura de literatura por resumos, prescindindo-se de fruição, participação e revigoramento da própria obra no ato da leitura etc. Estamos, então, e ainda, ilegais? Melhor, por que nos mantemos ilegais, insistindo em estratégias que demonstraram sua ineficácia, desconsiderando institucionalmente a literatura em seu corpo *sano* e destruindo leitores em potencial?

Expostas algumas condições, retomo o título: “Estágio Supervisionado em Literatura: *fazer onde?*”.


Levei essa questão para discutir com os alunos estagiários – que neste ano letivo estagiaram num Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA)<sup>14</sup>, antes e depois da realização das oficinas. Eles relataram que, na etapa da observação, foi mínimo o trabalho com literatura e, mesmo assim, em apenas uma das duas salas estagiadas. Um dos professores afirmou aos estagiários não desenvolver atividades de literatura por não gostar de ler.

Ocorreu-nos que as oficinas poderiam se constituir em uma das poucas oportunidades de vivência literária que os alunos do CEJA teriam, um papel didático e social que a universidade pública estaria cumprindo, e de como isso se daria se tivessem

---

14 Concluimos tratar-se de um sistema em situação mais complexa que o do ensino regular, por ser multisseriado – alunos de níveis diferentes numa mesma turma, que compensa trabalhos escolares com carga horária. À medida que os alunos vão cumprindo a carga horária exigida, vão saindo da turma, havendo um enorme rodízio. O rodízio se dá também pelas inúmeras faltas. E é alta a evasão. Nesse sentido, é interessante para o professor iniciar e concluir um conteúdo na mesma aula, evitando deixar resíduos de atividades para a aula seguinte, pois poderá ter alunos que não os da aula anterior, ou não ter alunos, na sala.





estagiado em uma instituição com as condições de um Instituto Federal, por exemplo, paralelo considerado interessante, pois havia uma aluna proveniente do EJA e uma do IFMT no grupo.

A primeira, esclarecendo que não tinha lido um conto ou outro gênero literário até entrar no Curso de Letras, disse:

“Penso que tanto aqui, como no IF, nós aprenderíamos algo, mas de forma diferente. Mas lá já teríamos oportunidades [prontas, dadas]. Aqui, sinto-me mais perto dos alunos, porque me identifico com eles. Não é só conhecimento, mas também o trabalho com questões humanas. Por meio do conhecimento, eles podem se tornar pessoas melhores. Terei mais certeza disso ao aplicar o projeto.”

E a segunda:

“No IFMT talvez possamos ter condições melhores para assistirmos aulas, mas, em relação às oficinas, seria “chover no molhado”, porque lá eles têm literatura. Aqui seremos mais úteis.”

Ambas, e o restante do grupo, valorizaram o trabalho em construção ali.

Com esse endosso, os estagiários se dedicaram consideravelmente aos projetos de oficina, lendo o Projeto Pedagógico do CEJA, tentando entender e superar os desafios e suas limitações na preparação das atividades. Levando em conta o perfil dos alunos do CEJA, pela primeira vez, solicitei que todos os estagiários participassem de cada oficina, colaborando com os colegas, auxiliando e estimulando pessoalmente cada aluno na consecução das atividades propostas.

Realizadas as oficinas, os estagiários perceberam como foi importante que elas tivessem sido contextualizadas – elaboradas com base na percepção das dificuldades dos alunos, o que permitiu aos graduandos mediar uma situação real de ensino-aprendizagem, de vida e conhecimento. Também foi fundamental a orientação personalizada a cada um. Os alunos do CEJA participaram de modo ativo, lendo contos, poemas, opinando, perguntando e produzindo textos em verso e em prosa.

Ao final, compreendemos que o Estágio Supervisionado passa, assim, a vitalizar o currículo, ou um modo ativo de apropriar-se dele, viabilizando relações sobre conhecimento, docência, instituição, sempre com foco nos sujeitos escolares. Compreensão extensiva ao “fazer onde?”, o campo de estágio, campo de aprendizado, reconhecido e validado pelo reposicionamento da perspectiva das situações que se apresentam e da nossa reflexão-ação-reflexão sobre elas.

## Referências

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.

DALVI, Maria Amélia. Como é que chama o nome disso?": Laboratórios de Práticas e Estágios Supervisionados na Licenciatura em Letras. In: RIOLFI, Cláudia (Org.). *Professor de português: como se forma, trabalha e entende sua prática*. São Paulo: Paulistana, 2015. p.144-160.

FORTES, Rafael Adelino; Oliveira; SILVA, Vanderléia da. O ensino de literatura no ensino médio e os documentos oficiais. *Revista Contexto*. Vitória, nº 27, 2015(1), p.281-304.

BRASIL. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília: MEC/SEB, 2006.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais+: Ensino Médio - Orientações Educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2002.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Parte II. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília: MEC/SEMTEC, 2000.

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LETRAS. Cuiabá-MT: Universidade Federal de Mato Grosso, 2009.

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LETRAS. Cuiabá-MT: Universidade Federal de Mato Grosso, 2018 (em construção).

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2010.